



Sou Marciano Borges de Melo

Vazante - MG / Maio de 2020

MINHAS AMIGAS

MEUS AMIGOS, JUVENTUDE DA MINHA TERRA!

O CAMINHO natural para buscar uma vaga de trabalho é encaminhar ao futuro empregador o curriculum do pretendente ao trabalho.

A vaga que procuro é a de Prefeito e o empregador é você, O POVO.

Meu nome é Marciano Borges de Melo. Sou casado com Maria Olívia Guimarães de Melo, pai de três filhos, Tânia Cristina, Eyder Vinicius e Júlio Verneq, avô de sete netos.

Sou advogado, fazendeiro, empresário no ramo de comunicações e nas horas vagas, escritor.

Natural de Vazante, onde nasci e me criei. Aqui me casei e constituí a minha família e exerci a minha profissão, na qual me formei com bastante dificuldade, pois quando consegui estudar já era pai dos meus três filhos.

A vocês, O POVO, meu futuro patrão, apresento nesta oportunidade os trabalhos que prestei para a nossa comunidade, os quais estão insertos no bojo deste folheto.

Deixo bem claro que eu me apresento a vocês como Pré Candidato a Prefeito, mesmo porque é vedado pela legislação e, por minha conta, com humildade entendo que, somente poderei me apresentar como Candidato, no devido tempo legal e com a devida aprovação dos meus futuros patrões: VOCÊS.

Criação e instalação da CREDIVAZ

“Juntamente com José Romeu Rezende, Dr. Elzo Teixeira, Alicério Agostinho, Manoel Tomaz da Cruz, Heli Xavier e outros liderei a criação da Cooperativa de Crédito Rural, hoje SICOOB CREDIVAZ, sendo seu primeiro Presidente, tendo de custear a entidade com meus próprios recursos até que ela pudesse andar com as suas próprias pernas.”

José Romeu Rezende era Presidente da Cooperativa de Produtores Rurais de Vazante. Numa tarde ele me procurou e me disse com essas palavras: “Marciano. Sei que você gosta dessas coisas, por que você não



cria a Cooperativa de Crédito aqui em Vazante. Eu não sei nem como começar, mas te dou o apoio da Cooperativa pra você providenciar isso.”

Ruminei a ideia e comecei a sonhar com a hipótese de termos em Vazante uma Cooperativa de Crédito. Não seria uma tarefa fácil, pois nas vizinhas cidades de

Paracatu, Coromandel e Guarda-Mor, tinham criado e funcionado as suas CREDIS e todas deram com os burros n'agua.

Ainda assim, insisti na ideia. Na verdade nem sabia por onde começar. E, para isso, eu e o Rezende ficamos sabendo que um Contador na cidade de Iguatama, lá no Centro Oeste mineiro, tinha dado assessoria a uma Cooperativa da sua região e, portanto, tinha os conhecimentos necessários. Fui no seu enalço. Ele deu as orientações básicas e parti para por em prática a gestação inicial da nossa Cooperativa.

Materia completa na página 03

Laticínios Vazante, hoje Quatá!



Liderei, juntamente com outros dezenove fazendeiros uma associação com o Laticínios Vazante, sendo da minha responsabilidade a construção da primeira fábrica dos hoje Laticínios QUATÁ, importante indústria vazantina, a segunda maior empregadora privada do município”.

Materia completa na página 06

Sócio fundador do Social Vazante Clube e por duas vezes seu Presidente



HOJE pode até parecer sem alguma importância, porque os Clubes Sociais, como a maioria das coisas que agregavam à sociedade, com o passar dos tempos foram caindo no desuso. Mas nos idos da década de 70 e seguintes, o Social Vazante Clube passou a ser uma necessidade, em razão do zelo que tinham os pais com os seus filhos, exigindo que tivessem ambientes sadios e de certa forma restritos, para o lazer da sua família.

POR ISSO, no início dos anos 70, foi criado o Vazante Social Clube, tendo como primeiro Presidente o jovem Hélio Pereira Guimarães, quem teve a responsabilidade de construir a sua sede social.

RÁDIO MONTANHEZA UM SONHO REALIZADO!

Com a participação inicial de Virmondés da Silva Barra e depois de Romão Gonçalves Dias, criaram a Rádio Montanhesa de Vazante, órgão de comunicação que presta relevantes serviços à comunidade e a região.



Com a participação dos advogados da Comarca criamos a Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil da Comarca de Vazante. Ministrou palestras em todas as Escolas de Vazante, nada cobrando por isto.

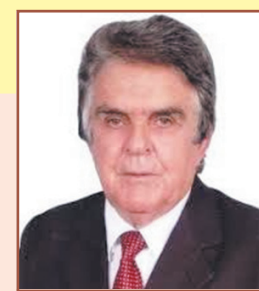


Juntamente com a Psicóloga Dra. Rosemeire, criaram a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE.



QUEM SOU:

Marciano Borges de Melo



Antes de ser advogado tive diversos outros trabalhos



Fui aprendiz de sapateiro, quando estudava em Paracatu; engraxei sapatos; trabalhei de servente de pedreiro; carreguei e descarreguei caminhões de tijolos das cerâmicas até às construções; auxiliiei meu pai na sua farmácia, atendendo no balcão, aplicando injeções, fazendo pequenos curativos; fui enfermeiro na casa de saúde imaculada conceição, em patos de minas; enfim, fiz quase de tudo que um menino fazia numa cidadezinha como a nossa.

Após completar a maioridade relativa, 18 anos de idade, procurei emprego de melhor rentabilidade. Trabalhei por algum tempo na prefeitura; fui escrivão do cartório de paz e notas de claro de minas; em-

preguei-me na companhia mineira de metais e, em definitivo, aos 21 anos fui nomeado para o serviço de chefe de educação e cultura da prefeitura municipal. Nesse cargo fiquei bastante tempo até me formar advogado e pedir demissão. Sem esquecer que fui também comerciante. Fui proprietário de um bar e mais tarde construí o dormitório e restaurante Kabana, hoje hotel Kabanas. Tudo isso na década de 60/70, pois em 1.973 e 74 fui professor de matemática no ginásio e na escola de segundo grau, nos cursos de contabilidade e magistério.



A advocacia foi o de melhor que aconteceu na minha vida. Apesar de dizer que em tudo o que fiz, sempre procurei ser do meio pra cima, na advocacia consegui me identificar com os tra-

balhos e conquisei a confiança dos meus clientes, aos quais dei o de melhor que pude e com isto ser considerado um advogado de sucesso. No meu escritório foram processados os mais diversos tipos de serviços e os de maior responsabilidade profissional da comarca, relativos a vazante.

Fui um advogado que não selecionei clientes e nem os tipos de causas. Atendi com o mesmo tratamento, do melhor e mais exigente e endinheirado cliente, ao mais humilde e sem condições de me pagar pelos meus serviços. Tenho em mim que esse proceder veio da herança do meu pai e da minha vida pregressa. Sem dinheiro, pouca perspectiva numa cidade pequena e as dificuldades inerentes a um começo difícil, com mulher e filhos para dar o sustento.

E, pelo conhecimento que adquiri ao longo da minha vida, de que a pessoa pobre ao sair da sua casa em busca de alguma ajuda já sai vencida, pensando que não vai dar certo... Se eu fosse impedido por qualquer forma de trabalhar em seu favor, no mínimo o orientava como fazer. Mas na maioria eu resolvia.

Resolvi com sucesso inúmeras demandas. Fiz os maiores inventários da região. Trabalhei em diversos processos de envergadura, enfrentando adversários do porte do grupo Votorantim e outros. Fiz um patrimônio razoável, mas o que mais me satisfiz



como profissionais foram as causas nas quais não ganhei nem um tostão. Desses realço dois: a defesa criminal que fiz para um réu chamado Valter, que falsamente foi indiciado como o assassino do Laércio, e uma busca e apreensão de uma menor, hoje uma professora da rede pública aqui da cidade. (com a permissão dela, ainda contarei em público o acontecido).

COMO PATRÃO

Com o decorrer do tempo passei a ser empregador. Neste quesito me considero realizado. Talvez por ter passado por aperturas e pelo medo de ficar desempregado, sempre valorizei os meus colaboradores. Seja no meu escritório, seja na rádio ou nas fazendas, onde tive um maior volume de trabalhadores.

Desde 1.974, quando adquiri o primeiro pedaço de terras, tive de contratar o meu primeiro trabalhador rural. Depois, sequen-

cialmente contratei outros, inclusive tratoristas. Não foram tantos, mesmo porque a minha necessidade era pequena e quem trabalhou ou trabalha para mim, dificilmente se demite. A média de permanência de funcionários comigo sempre foi alta. É muito comum permanecer comigo por 10, 15 e até mais anos ininterruptamente. E, quando se demite, nenhum deles, com apenas uma exceção, não deixa de pular a rua para me cumprimentar. Essa exceção é um funcionário que teve a infelicidade de não agir corretamente, não sendo honesto, acabou perdendo o emprego. Não tomei nenhuma medida contra ele, em respeito a sua família.

Vivi um momento de extrema felicidade num episódio envolvendo um funcionário, que me recompensou intimamente. Este acontecimento me levou a refletir que têm acontecimentos na nossa vida, que só podem ser uma escolha de Deus para a nossa provação. (também com a permissão da família, relatarei mais na frente.)

Sou muito grato a todos os meus colaboradores e ex-colaboradores, por tudo o que fizeram por mim. *Só Deus para recompensar a todos!*

Serviços prestados à Comunidade

ANTES, como já falado, prestei muitos serviços à comunidade, participando da criação da primeira Conferência de São Vicente de Paula, auxiliando na organização de Partidos Políticos e, principalmente servindo de Escrivão do Delegado. Foi ali que eu me sentia muito útil, não só pela prestação dos serviços em si, como ter consciência de que inexistia outro que pudesse me substituir. Nem por isso me sentia engrandecido. Pelo contrário ficava feliz em servir à comunidade.

FOI nesse período que senti a necessidade de prestar esse serviço comunitário que passo a relatar:

A primeira Conferência de São Vicente de Paula

COMO já relatei ante, participei da fundação da primeira Conferência de São Vicente de Paula em Vazante, que teve como presidente o Confrade, Alirio Alves Rosa. Eu era bem jovem naquela época, mas já servi para ser Secretário da Conferência recém-criada, pois necessitava de alguém que tivesse, "leitura", era como diziam à época. Vinha também de encontro a minha vocação de servir ao próximo.

A NOSSA atuação era modesta, mas a altura da pequena comunidade. Éramos uns poucos confrades, me lembro do Presidente, Seu Alirio, do Seu Benedito Barreto. Mais tarde juntou-se a nós o Antônio Alfaiate e mais alguns outros que não me socorre a memória. Me lembro que fazíamos visitas dominicais às pessoas mais necessitadas, levávamos mantimentos - naquele tempo não se falava em cesta básica-. Se fosse detectada alguma pessoa doente, providenciávamos remédios. Era um modesto trabalho, mas foi o princípio de uma grande obra, que hoje aí está, servindo de uma forma espetacular.

QUANDO foi transferida para o local onde hoje se encontra, o confrade Alirio e seu irmão Afrânio doaram um quarteirão de lotes para a Sociedade de São Vicente de Paula. Mais uma prova do espírito solidário daqueles dois homens que foram tão importantes para a edificação dessa cidade.



A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA CADEIA DE VAZANTE



ESSE fato histórico já foi relatado quando postei a História da Emancipação Política de Vazante e os Prefeitos que comandaram o Município, desde o primeiro até ao sétimo, de 1.955 a 1.982, portanto 27 anos de homens servindo à Prefeitura.

PRESTANDO os serviços gratuitos de Escrivão da Polícia, convivia com situações deveras desagradáveis. Por absoluta falta de TUDO, vamos assim dizer, muitas vezes as autoridades policiais tinham de deixar prisioneiros presos da forma mais degradante e desumana, algemados por um braço e o outro lado da algema amarrado em uma árvore que existia no fundo da Delegacia. Eu não suportava aquilo mas os policiais tentavam me convencer de que não havia outro jeito, Mesmo porque a falta de elementos, (leia-se policiais) era gritante e não tinha como alguém ficar de guarda, acordado noite inteira, vigiando o meliante, - modo comum de tratar às pessoas que cometeram algum delito -. Me lembrei do João Seabra Guimarães, meu grande e dileto amigo, que gostava muito desse termo.



Cabo Euripedes-João Luiz Machado-Zizico e o Prefeito Gustavo Solis Rosa

Convidei o Hélio Pereira Guimarães, meu amigo de futebol, de festinhas, pagodes e, como eu, era Vereador à Câmara Municipal, para buscarmos uma solução urgente para aquela situação.

FORMAMOS uma Comissão composta por nós dois e os convidados, JOÃO LUIZ MACHADO, o Zizico e o CABO EURÍPEDES DO COUTO, Comandante do Destacamento Policial local e com o apoio do Prefeito GUSTAVO SOLIS ROSA, com a finalidade de construir, em regime de urgência um local decente onde pudesse agasalhar aqueles dois órgãos do Governo Estadual: a Delegacia de Polícia

e a Cadeia local e por fim àquela desumanidade relatada. NÃO dispúnhamos de nenhum centavo àquele fim. O Prefeito disponibilizou o Jeep (o único veículo que possuía) para o nosso deslocamento e o caminhão da Prefeitura, para quando fosse necessário transportar alguma mercadoria ou materiais para a finalidade almejada.



Os Irmãos Afrânio Alves Rosa e Alirio Alves Rosa políticos de destaque da época

PRIMEIRAMENTE fomos aos irmãos, ALÍRIO e AFRÂNIO ALVES ROSA, pedir a cessão do lote de terreno necessário à construção daquele bem público. Como sempre faziam nos foi disponibilizado o lote na Av. Paracatu, hoje abaixo da Casa Lotérica, onde funciona o Conselho Comunitário do Menor.

PUSEMOS os pés na estrada. De fazenda em fazenda, de casa em casa, angariamos donativos de diversas formas. Eram vacas, bezerras, porcos, sacas de mantimentos, tijolos, telhas, enfim de tudo o que pudesse ser convertido em dinheiro ou empregado na construção. As Companhias, Mineira de Metais e Ingá - nomes históricos -, foram generosas em donativos. Doaram pedras, tijolos, cimentos, ferragens, carretos. A Companhia Mineira projetou e construiu as grades, e mandou colocá-las no lugar.

MUITO importante foi também a participação da comunidade com a doação dos seus serviços. Foram diversos Pedreiros, Carpinteiros, Serventes de Pedreiro, os anônimos que trabalharam graciosamente naquela construção em regime de mútuo.

E ASSIM, num prazo de quatro meses mais ou menos, entregamos para as POLÍCIAS LOCAL os seus locais de trabalho sem NENHUM CUSTO PARA A PREFEITURA MUNICIPAL.

NÃO HÁ de ver que há alguns anos, um dos PRIMOS, eternos Prefeitos, quis vender aquele bem que, além de não pertencer ao Município, tem ainda muita utilidade. Haja vista estar servindo ao Serviço Social. Não fosse a minha intervenção junto à Câmara Municipal, quando contava com os Vereadores, Luiz do Pedro, Cabo Augusto e Artur Machado, (nessa época ao lado do povo) o então Prefeito retirou o Projeto que pedia autorização para a venda desse imóvel.